

CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Fabrcio Lopes da Silveira¹

RESUMO

Escrito em primeira pessoa, dando tom de ensaio ao roteiro de uma fala feita por ocasião do encontro remoto do GP Teorias da Comunicaça3o da Intercom, em dezembro de 2020, o artigo problematiza certas caracterfsticas e implica3oes de quatro estudos – apresentados no evento – cuja proposta 3e cartografar o campo da Comunicaça3o, entendendo-o como disciplina cientfstica e espa3o de formula3oes epistemol3gicas.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia da Comunicaça3o; Teorias da Comunicaça3o; pesquisa em Comunicaça3o; cartografia; campo da Comunicaça3o.

POSSIBLE CARTOGRAPHIES: EPISTEMOLOGICAL ASPECTS OF THE CIRCULATION OF KNOWLEDGE IN THE FIELD OF COMMUNICATION

ABSTRACT

Written in the first person, giving an essay tone to the script of a speech made during the remote meeting of the Intercom – working group of Communication Theory –, in December 2020, the article problematizes certain characteristics and implications of four studies – presented at the event – whose proposal is to map the field of Communication, understanding it as a scientific discipline and space for epistemological formulations.

KEYWORDS: Epistemology of Communication; Communication theory; communication research; cartography; field of Communication.

INTRODUÇÃO

Com a intença3o de colaborar com as discuss3oes epistemol3gicas sobre a natureza e a extensa3o do campo disciplinar da Comunicaça3o, propomos aqui a leitura pontual, t3o aproximada quanto possvel, de quatro trabalhos apresentados em 2020 num dos mais importantes f3runs da 3rea, o GP Teorias da Comunicaça3o da Intercom. Esses trabalhos s3o os seguintes (expostos agora na exata ordem com que aparecer3o logo 3 frente): “A materialidade dos usos da teoria: esbo3o de uma cartografia das revistas cientfsticas de Comunicaça3o”, de Lu3s Mauro de S3 Martino; “O pensamento comunicacional na Intercom: anais do GP Teorias da Comunicaça3o de 2018 e 2019”, escrito por Tiago

¹ Doutor em Ci3ncias da Comunicaça3o (Unisin3s, RS). P3s-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza est3gio p3s-doutoral – bolsa PNPd Capes – junto ao Programa de P3s-Graduaça3o em Comunicaça3o da UFRGS. 3 autor, dentre outros, de *Mecanosfera / Monoambiente* (Ed. Zouk, 2020).

Salgado, Maria Ângela Mattos e Marina Oliveira; “A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região sul”, produzido em coautoria por Laura Wottrich, Dulce Mazer, Maria Clara Monteiro, Pamela Craveiro e Paula Viegas; e “LGBTQI+ nos estudos brasileiros da Comunicação e do Jornalismo. Um mapeamento das produções acerca do tema”, de Jerônimo Francisco Rafael. Esses estudos foram reunidos e apresentados numa única sessão de trabalho e expressam uma série de esforços que vem sendo feitos no sentido de entender a particular cientificidade que nos conforma.

Procurei fazer leituras compreensivas, voltadas às lógicas internas de cada texto, àquilo que eles obtêm, aos dados que levantam, às suposições que implicam, aos caminhos para os quais apontam. Na mesma medida em que tentei criticá-los (levantar problemas a partir deles, sondar suas fragilidades), tentei colocá-los também em relação, examinar o que uns diziam para os outros, as conversas indiretas e complementares que poderiam estar se dando. Minha expectativa é a de que esse exercício de interpretação pontual e transversalizada de mapas afins, corresponsivos, possa auxiliar no autoreconhecimento epistemológico e no amadurecimento institucional de nosso espaço de atuação.

UMA PROBLEMATIZAÇÃO GERAL DA METAPESQUISA

De uma parte, o texto de Luis Mauro Sá Martino (2020), com o qual inicio agora os debates², se insere num conjunto cada vez maior de trabalhos que se propõem a mapear o campo da Comunicação, apreendendo-o como globalidade, como extensão e/ou como diversidade aferíveis de práticas e temáticas de investigação. Reside aí não só o objetivo dessa pesquisa singular, conduzida pelo autor, mas também uma compreensão de fundo (e uma profissão de fé), bastante compartilhada(s), sobre a natureza epistêmica de nossa área. Tenho a impressão de que estudos desse tipo têm se tornado mais e mais frequentes entre nós – o que sinaliza algo sobre o modo como agora nos vemos, nos supomos maduros (?), com uma certa historicidade já construída,

² Agradeço a Claudiane Carvalho e Márcio Telles, os coordenadores do GP Teorias da Comunicação, por terem me convidado para atuar como debatedor numa das sessões do encontro, na tarde do dia 05 de dezembro de 2020. Agradeço-lhes também por terem me autorizado a utilizar, como título deste artigo, um título muito próximo daquele que eles próprios deram à mesa de problemas epistemológicos em que atuei.

um acúmulo de feitos e um repertório de conquistas dignos de serem recenseados. A existência desta mesa, com quatro comunicações desse feito, atesta o que digo.

Se formos observar o que circula no âmbito da Compós³ – no GT de Epistemologia da Comunicação, em especial –, nos últimos sete anos, encontraremos onze trabalhos, pelo menos, dentre setenta ali apresentados, com este exato perfil, dedicados a algum tipo de propósito cartográfico⁴. Se exigirmos menor explicitude, veremos que outra parcela desses estudos, nesse mesmo grupo (da Compós), também faz incursões desse tipo, seja como objetivo secundário (ou terciário), seja como composição auxiliar para outros vãos, para outra especulação mais ampla, mais pontuada ou melhor definida. É como se estivéssemos, hoje, muito preocupados em nos fotografarmos, como se isso promovesse uma identidade e cooperasse na deflagração de um processo de autorreconhecimento. É o que vem ocorrendo aqui. Esse é um primeiro comentário geral, a título de introdução.

Dentro disso, poderíamos abrir boas discussões afins. Primeiro, sobre a eficácia de tais empreendimentos. De que modo eles “voltam” para as práticas concretas de pesquisa, alimentando-as? A metapesquisa – para chamarmos desse modo – não tende a se tornar pouco propositiva, andando em círculos? Não temos aqui uma “desculpa” para nos esquivarmos de mergulhos investigativos mais diretos e frontais, que enfrentarão problemas menos panorâmicos e mais “internos” (de tratamento de objetos empíricos, de escolhas metodológicas, de aprofundamentos analíticos)? Não existe o risco de incorrerem num “excesso de metalinguagem”? É ou não é o que ocorre aqui?

Segundo, poderíamos nos questionar sobre o lugar que tais perspectivas ocupam, seja como insumo (possível, embora não garantido) às discussões epistemológicas propriamente ditas, seja como obscurecimento desse mesmo debate (epistêmico), tendo em vista que, muitas vezes, cartografias muito burocráticas parecem se passar por ele ou, no mínimo, lhes roubar o espaço. A filosofia da ciência, como sabemos, é um outro tipo de discussão – menos constatativa, menos demográfica, menos taxonômica.

³ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

⁴ Utilizamos o termo “cartográfico” em seu sentido mais corriqueiro, próximo aos usos do senso comum, como a arte de fazer mapas ou montar representações do espaço. Tal expressão, contudo, ganha sentidos teóricos e técnicos específicos, sendo muito útil e obtendo importante projeção nos estudos sobre mídia e comunicação. Para essa definição mais rigorosa, para exames mais detalhados sobre o “gesto cartográfico”, bem como para o entendimento de suas potencialidades e suas ramificações teóricas, remetemos aos trabalhos de Rosário e Aguiar (2012), Rosário (2016) e Rosário e Cocca (2018).

Em terceiro lugar, valeria indagar sobre o sentido administrativo dessas empreitadas, movidas, talvez prioritariamente – é o que me parece, ao menos –, por uma ânsia de controle logístico, indução e “produção” do campo. Seriam debates válidos, com certeza. Todos eles. De todo modo, ao retratarem nosso espaço de trabalho – essa é uma impressão que tenho –, produzem também uma “fantasia de unidade”, uma ficção útil que, ao se formalizar, tende a construir, em torno de si, uma “zona de imantação”, uma demanda por confirmar-se, instaurando-se como modelo a ser buscado. Isso tudo é apenas um lado da discussão, com apenas algumas de suas angulações ou variações possíveis. O debate está aberto.

“EFEITO MATEUS” E A INFRAESTRUTURA DO PENSAMENTO COMUNICACIONAL

De outra parte, no que toca à natureza mais evidente do texto de Martino (2020), há movimentos que me parecem novos e muito louváveis – em comparação com esse grupo crescente de estudos a que me referi acima. E quais são esses movimentos? Ao se devotar ao mapeamento das revistas da área, o autor destaca as condições materiais que presidem a circulação do pensamento comunicacional no país. O que vemos problematizada não é a dança dos conceitos, o desfile dos autores, aferidos pela quantidade de citações que recebem. Não é esse esforço intelectual que se encontra priorizado – e que termina, quase sempre, lhe conferindo alguma nobreza. Antes disso, são as bases infraestruturais, as condições de produção a partir das quais o conhecimento comunicacional se dá a ver, se faz presente e se põe a circular. Desse modo, o que temos é algo como uma investigação sobre as revistas enquanto *arquivos*, *regimes de viabilidade* (ou visibilidade) e *sintomas* do pensamento que produzimos. E esses arquivos, com seus processos técnicos, seus modos de existência e de operação, com seus gestores e seus filtros (seus agentes associados enquanto *gatekeepers*), tanto revelam quanto constroem aquilo que fazemos em termos teóricos.

O pensamento é aferido a partir das restrições reais que lhe permitem existir. Examinar esses materiais – as revistas (ou ainda outros que a eles venham a se assemelhar, formando sistema) – talvez seja mais revelador do que discutir os autores, as filigranas conceituais, as metodologias adotadas ou os conteúdos dos textos que

lemos e que mais citamos. É como se estivéssemos cercando, em termos kittlerianos (KITTLER, 1990; TELLES, 2020), a rede discursiva do pensamento comunicacional em vigência há décadas no Brasil. E isso, em minha opinião, é uma aposta muito produtiva.

Há diversos achados curiosos. Dentre eles, o que mais chama a atenção foi a quantidade de cerca de mil *papers*, numa estimativa baixa, publicados por ano em nosso país. Junto disso, como fala o autor, se dá o reconhecimento de que a área não consome (ou não lê) aquilo que produz. Nossos índices de leitura (supostos, ao menos) seriam menores do que nossos índices de produtividade. Uma questão crucial se coloca, a partir daí: se é assim, então para quem produzimos? Qual a finalidade dessa produção? É como se a área se organizasse para produzir evidências notariais (ou *inputs*, pulsos informacionais) de que existe e que, de fato, produz (e, logo, seria justificável), sem que essa produção ganhe repercussões de outro tipo, sem que alcance, de modo efetivo, certos setores sociais (alcance entendido aqui como entabulação de diálogos mais orgânicos e comprometidos), sem que obtenha impacto social para além da repercussão inter-pares, para além dos muros das universidades ou da auditoria administrativa dos programas da pós-graduação. Haveria qualidade para além do Qualis? Não é isso que precisaríamos debater? O texto toca nesses pontos.

Os pareceres, desdobrando a proposta de Martino, constituiriam outro elemento polêmico. Talvez os pareceres possam trazer luzes inéditas às questões aqui levantadas, de fato. Seria um contraponto riquíssimo. Afinal, é a energia vibrante das revistas, o instrumento de lapidação de sua matéria prima. Sempre pensei em trazer a público e analisar os pareceres que já recebi. Ou mesmo os pareceres que já dei – em 2020, até o início de dezembro, pelo menos, foram oito. A imagem, aliás, de duas mil pessoas ou mais trabalhando em segredo e anonimato, ao longo de um ano, escrevendo e enviando seus pareceres, à noite, em seus escritórios empoeirados, me pareceu estranha e inquietante, até poética. Essa rede de ações e atores semiocultos me lembrou o enredo de um filme de espionagem, uma trama *noir*. Suspeito que seja um lugar estratégico para apanharmos uma certa autoimagem (meio recalcada, meio *underground*) da área. É algo importante demais para ser desprezado – tido como mero resíduo processual, mera

formalidade avaliativa – como costumeiramente é. Mas quem se dispõe a mexer nesse vespeiro? Irei retornar a esse ponto logo à frente.

Fiquei curioso também para justapor esses dados ou para encontrá-los justapostos aos dados relativos à publicação de livros e e-books, trazendo maior densidade a essa ecologia infraestrutural do pensamento comunicacional no país. Esses dados não se rebatem, não se cruzam, formando a mesma unidade, a mesma teia complexa? O exame exclusivo das revistas não restará parcial? Não caberia avançar nessa trilha?

Caso isso seja feito, talvez se evidencie com maior nitidez que produzimos muito e nos conhecemos (ou nos acompanhamos) ainda muito pouco. Por certo, a própria natureza da área, como campo heterogêneo, parece facilitar essa identificação pulverizada, dispersa, essa ausência de uma identidade de conjunto – e que torna a temática, por isso mesmo, tão perseguida.

Os próprios editais de seleções e concursos públicos poderiam ser bons objetos de estudo, junto com os programas e as ementas das disciplinas, nos cursos de graduação e pós-graduação. Martino dá um passo importante na eleição e na aceitação desses materiais empíricos como materiais a serem tratados, capazes de revelar, concretamente, certos padrões do funcionamento mundano das instituições de pesquisa e dos cientistas que elas abrigam e fazem trabalhar.

Outra característica problemática é o chamado “efeito Mateus”⁵, segundo o qual o prestígio tende a atrair mais prestígio, fazendo com que um autor ganhe capital científico por publicar numa revista bem avaliada, ao passo que essa publicação se valoriza por se valer da reputação daqueles que publica, numa espiral crescente de autoestimulação, mutualismo e autocongraçamento. Ou seja: há um círculo difícil de ser quebrado, sem externalidade e sem mediador externo, definido numa autorreferência muito poderosa. A quem isso beneficia? É desejável alterar essa lógica? O que se pode fazer, concretamente? São questões difíceis.

Como vemos, o texto suscita uma infinidade de questionamentos. Esse, enfim, é seu propósito, sendo o produto de uma investigação em meio de caminho. Por exemplo:

⁵ “O nome [faz] referência a um versículo do Evangelho de S. Mateus (25; 29): ‘pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado’” (MARTINO, 2020, p. 10).

qual o distanciamento produzido num estudo desse tipo? Em que posição, em que lugar epistemológico o autor se encontra? É fato que, no debate epistêmico, é impossível não situar-se; de todo modo, não há aqui uma ilusão de cientificidade que precisaria ser criticada e desnaturalizada, em algum nível, através de algum procedimento metodológico consciente? Ou ainda: sabemos que as revistas são também expressões dos jogos de força – em termos de Pierre Bourdieu (2004) –, da vantagem daqueles que saíram na frente, de circunstâncias e desenvolvimentos históricos desiguais. Como isso será contemplado? Quais são e como são sedimentados esses jogos de força? Quais são e como se distribuem as relações de poder aí implicadas? São perguntas cujas respostas só virão no futuro e que colocam a pesquisa de Martino entre aquelas que precisaremos acompanhar de perto, caso queiramos compreender melhor ou estranhar um pouco menos o lugar que ocupamos.

TESTEMUNHOS MODESTOS

A temática da mesa – a temática enfrentada, de um modo ou de outro, com viéses distintos, em cada um dos quatro textos aqui reunidos – coloca em ressonância alguns de meus interesses recentes. Eles foram tratados, por exemplo, num livro que lancei em setembro de 2020 e que se dedicou a explorar ficcionalmente a ambientação acadêmica, tocando em questões não só da burocracia e do produtivismo, mas também de saúde mental e adoecimento, dos currículos fraudados, das políticas públicas reservadas às bolsas de estudo e ao financiamento da ciência a partir de 2019, ao início do governo Bolsonaro (SILVEIRA, 2020). O narrador é um pesquisador profissional, um professor no meio da carreira. Os personagens habitam um mundo universitário hipotético. Há uma trama ficcional – uma relação trabalhista rompida, um relacionamento amoroso – onde esses assuntos vêm à tona. São essas mesmas questões que me fizeram concluir um curso breve, feito ao longo do mês de novembro último, sobre Donna Haraway⁶ e seus avanços no campo dos estudos feministas da ciência. Esses elementos todos repercutem ainda, em terceiro lugar, nos movimentos feitos para a escrita – ainda em andamento – de um ensaio sobre Paul K. Feyerabend.

⁶ “Introdução ao pensamento de Donna Haraway. Uma escrita a muitas extremidades”, ministrado pelo filósofo Fernando Silva e Silva, junto a APPH – Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades, de 04 de novembro a 02 de dezembro de 2020, 08h/aula, em Porto Alegre / RS.

Assumindo-se como metapesquisa explícita, o estudo de Tiago Salgado, Maria Ângela Mattos e Marina Oliveira (2020) acrescenta, nesse cenário, variáveis cruciais. Traz, de passagem – sem que seja este seu foco principal –, uma indicação ou uma lista de outras experiências cartográficas semelhantes. É como se acessássemos, por um breve momento, uma cartografia de cartografias, um grande metadiscorso agregando diversos metadiscursos que lhe antecederam. Isso me faz suspeitar – ao mesmo tempo em que confirma o diagnóstico (por sinal, muito sintomático) de que estamos particularmente interessados em nos fotografar – que estaríamos vivendo uma espécie de obsessão cartográfica, algo similar àquilo que Umberto Eco (2010) chamou de “vertigem das listas”: uma necessidade de nos apoiarmos em ordenações disponíveis, mais ou menos confiáveis, produzidas (como artifício) ou encontradas (“*in natura*”), como dado do campo.

Junto disso, fica a suspeita de que enfrentamos a tentação de aceitar uma explicação apressada sobre a área. No mínimo, haverá uma explicação parcial, se nos contentarmos e não formos além desse retrato, por melhor e mais competente que seja. Como disse, a razão epistêmica funciona noutra frequência: é filosófica e especulativa, ocorrendo junto à dimensão experimental e aplicada da investigação em ato, derivando dela, corrigindo-a, dando-lhe novos rumos, novos problemas e novos limites, aperfeiçoando sua capacidade de autocrítica e auto-vigilância.

Ao mapearem os trabalhos apresentados entre 2018 e 2019 no GP Teorias da Comunicação da Intercom⁷, Salgado, Mattos e Oliveira (2020) fazem, porém, algumas constatações preciosas. Demonstram quais são, por exemplo, os autores e os livros mais citados, de que nacionalidade são os teóricos que nos embasam com maior frequência. Fico, no entanto, com a sensação de que o trabalho se detém numa janela temporal muito restrita, o que parece enfraquecer as projeções e as conclusões que podemos extrair daí. O que temos, em resumo, é a fotografia de um instante muito breve e fugidío. O campo, como sabemos, não é imune às temáticas da ocasião e aos modismos acadêmicos. Não é imune nem mesmo à própria agenda da atualidade midiática que o envolve (e à qual ele responde, queira ou não).

⁷ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Sendo assim, um bom arrazoado epistemológico não poderia abrir mão de uma historicidade mais ampla, de uma percepção de raízes mais amplamente lançadas, num longo processo de maturação e espraiamento, para além daquilo que nos é permitido ver em apenas dois anos, num fórum específico, com uma natureza também muito peculiar, marcada por sua abrangência e sua abertura pedagógica a pesquisadores com experiências distintas, em distintas etapas formativas.

À parte tais questões – lançadas aqui tendo em vista estimular nosso debate futuro –, o texto assume um ângulo que merece bastante destaque: a definição do campo sendo dada por um tipo de pensamento europeu, masculino e branco. “Os dados de nacionalidade das autorias mais referenciadas” – é o que se constata (e é o que poderíamos ter sustentado como hipótese, desde uma visada puramente qualitativa) – “expressam a primazia de autores masculinos de países europeus e norte-americanos [Canadá e EUA], que tradicional e historicamente colonizam o pensamento comunicacional brasileiro e as definições de comunicação, atreladas aos sentidos [de] *transmissivo, informacional e técnico*” (SALGADO, MATTOS e OLIVEIRA, 2020, p. 08).

Surge então a oportunidade para retomar a menção que fiz a Donna Haraway e à circulação dos pareceres cegos, escritos pelos pares. Num de seus livros mais famosos, *Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan©_Meets_OncoMouse™. Feminism and technoscience*⁸, a filósofa e bióloga estadunidense se reporta a *Leviathan and the Air-Pump. Hobbes, Boyle and the Experimental Life*, obra publicada em 1985 pelos historiadores e sociólogos da ciência Steven Shapin e Simon Schaffer. O estudo está centrado em Robert Boyle (1627-1691), um naturalista irlandês, químico e cientista experimental, desafeto de Thomas Hobbes (1588-1679). Boyle teria lançado as bases da ciência empírica moderna, concorrendo para isso – ou se estabelecendo, junto disso, como parte de um único aparato gnosiológico – o que foi definido como *testemunho modesto* (ou, na língua inglesa, “modest witness”).

Robert Boyle, que viria a ser considerado o pai da química moderna, fez uma série de experimentos com uma bomba de vácuo. Supunha que poderia provar a existência do vazio. Poderia aferi-la empiricamente, ele alegava. Publicou, inclusive,

⁸ Trata-se de um dos mais bizarros títulos já vistos, sem paralelo algum no mercado editorial.

um livro relatando esse processo experimental – *New Experiments Physico-Mechanical. Touching the Spring of the Air* [1660]. Em torno dessas experiências, foi criada a *Royal Society of London for Improving Natural Knowledge*, a primeira sociedade científica real da Inglaterra. Ou seja: uma tecnologia científica leva à institucionalização de um fórum, cujos participantes teriam condições e treinamento para supervisionar os experimentos, validá-los e narrá-los para um público mais amplo, sem condições de estar presente nas sessões de demonstração.

Surge assim, a partir de (a) uma *tecnologia material*, a partir de uma *geringonça tecnocientífica*, (b) uma *tecnologia social* formada, no caso, pelos *testemunhos modestos*, “porta-vozes transparentes, puros meios que transmitiam a palavra objetiva encarnada nos fatos. Esses humanos eram testemunhos auto-invisíveis [...], os novos garantidores mundiais da objetividade”, fala Haraway (1997, p. 32-33 – todas as traduções são minhas). As testemunhas eram homens brancos, fidalgos, nobres excitados pela curiosidade, dispostos a um gesto de cortesia e devoção à ciência, determinados a abrir mão de suas emoções, crenças religiosas ou convicções políticas. Eram cavalheiros aptos a se distanciar de sua subjetividade, autorizando assim a aparição da objetividade científica que visavam alcançar. Os fatos da natureza falariam através desses sujeitos, unidos sob um pacto de cavalheirismo, reunidos num laboratório semi-público transformado em “teatro de persuasão”.

Boyle relata que, certa noite, um grupo de mulheres invadiu o laboratório no momento em que um pássaro era sacrificado dentro da bomba de vácuo⁹. Elas se sensibilizaram demais com a cena e exigiram o término dos experimentos. As mulheres

⁹ Nos estatutos “da sinceridade modesta, as mulheres podiam ver uma demonstração mas não podiam dar testemunho. A demonstração definitiva do funcionamento da bomba de vácuo devia ter lugar num espaço cortês e público adequado, mesmo que isso implicasse realizar demonstrações sérias altas horas da noite, para excluir as mulheres [...], como fez Boyle” (HARAWAY, 1997, p. 31). Haraway nos diz que – lendo os *New Experiments Physico-Mechanical. Touching the Spring of the Air* – encontraremos a descrição de uma demonstração assistida por algumas mulheres da nobreza. Durante a sessão, pequenos pássaros seriam asfixiados assim que se esvaziasse o ar da câmara em que eles se encontravam. “As damas interromperam os experimentos pedindo que se voltasse a introduzir o ar”. Queriam salvar um pássaro agonizante. Excluir as mulheres (bem como homens trabalhadores) era um instrumento para estipular uma fronteira entre *ver* e *dar testemunho*, estabelecer distinções entre *quem é* e *quem não é* cientista, entre crença popular e fato científico.

– havia ficado claro – não poderiam participar. Não seriam bons testemunhos. O cientificismo se tornava, em sua fundação, um modo de androcentrismo¹⁰.

Por outro lado, esses homens eram homens educados. Não eram homens viris. Não eram brutamontes. Eram vistos como castos, desmasculinizados. Afinal, apartavam-se (ou sabiam se apartar) de seus instintos corporais, colocavam-se em desconformidade com a masculinidade vigente. Ao mesmo tempo em que as mulheres eram excluídas e forjava-se um ideal de observador científico de tipo masculino, europeu, educado e branco, configurava-se, em contrapartida, uma identidade, em certa medida, *queer*, assemelhada a de um clérigo ou a de um celibatário, um homem efeminado, “sem corpo”, habitante de uma “não-cultura”.

Mas havia uma outra tecnologia germinando. Se (a) uma *tecnologia material tecnocientífica* havia implicado a criação de (b) uma *tecnologia social* – no caso, o auditório de sábios, uma academia de inspetores (*testemunhos modestos*) –, ambas forçavam à criação de (c) uma *tecnologia narrativa*: as cartas que os acadêmicos enviavam para seus círculos sociais, relatando as experiências e “dando fé” dos acontecimentos. Assim, os textos começaram a se padronizar – em termos estilísticos e narrativos, em termos da linguagem e do tom adotados nas descrições feitas¹¹. Esse é o início da cultura dos pareceres. O que temos, em simultâneo, é (d [ou (c.2)]) um *dispositivo subjetivo* – de produção de uma subjetividade calcada em noções de solicitude, modéstia e sinceridade, moderação, seriedade e transparência. No extremo, era o *ethos* inglês que estava sendo forjado¹².

¹⁰ Liliana Vargas-Monroy (2010) define esse modelo como sendo o modelo de uma *objetividade estática*, que irá repercutir sobre a experiência da colonização. Ela enxerga relações entre colonialidade e discurso científico. Ambos seriam discursos de *saber-poder* marcados por uma estrutura (ou uma dinâmica) muito semelhante.

¹¹ As “narrações têm um poder mágico”, diz Haraway, mas “perdem todo rastro de sua história enquanto narrações, enquanto produtos de um projeto sectário, enquanto representações contestáveis ou documentos construídos, com uma potente capacidade de definir os fatos. As narrações se tornam espelhos diáfanos, espelhos completamente mágicos, sem apelar em nenhum momento ao transcendental” (HARAWAY, 1997, p. 24). E ela continua: assim “foi criada a retórica do testemunho modesto, a ‘maneira crua de escrever’, sem adornos, factual e convincente. Só através dessa escritura crua (ou desnuda) podiam brilhar os fatos, livres dos floreios de qualquer autor humano. Tanto os fatos como o testemunho habitam as zonas privilegiadas da realidade ‘objetiva’ através de uma poderosa tecnologia de escritura” (HARAWAY, 1997, p. 26).

¹² A bomba de vácuo, convém não deixar de perceber, era também um dispositivo de produção de identidade de gênero.

E quanto a Hobbes? Hobbes não acreditava que o vácuo existisse. Conceitualmente, o “vazio” lhe soava como algo similar às ideias religiosas que ele tanto combatia: as ideias de “um ser imaterial”, “alma” e “espírito”. A expressão aristotélica “*horror vacui*” ganhava um sentido novo e muito mais amplo. Para ele, complementa Alfonso Buch, “aceitar a argumentação de Boyle, em última instância, não era só errôneo, era perigoso” (BUCH, 2006, p. 203).

Fiz questão de trazer esse ponto, estendendo-me nele, porque dá elementos para pensarmos o texto anterior de Luis Mauro de Sá Martino (2020) – a partir do qual puxamos a questão dos pareceres – e o texto de Francisco Rafael Jerônimo (2020), que virá em seguida, com a discussão sobre identidades *queer*. A questão, para nós, enquanto coletivo de pesquisadores, é sondar as mutações históricas desse dispositivo de produção de subjetividade embutido em nossas práticas científicas. E o texto de Tiago Salgado, Maria Ângela Mattos e Marina Oliveira (2020), sem dúvida, nos ajuda nisso.

UMA CARTOGRAFIA DE APORTES METODOLÓGICOS

No texto de Wottrich, Mazer, Monteiro, Craveiro e Viegas (2020) – “A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região sul” – diversos problemas há pouco listados se recolocam. Melhor dito: voltam a ser tratados e debatidos. As autoras se debruçam sobre 787 investigações (dissertações de mestrado ou teses de doutorado), defendidas, entre 2013 e 2016, nos principais programas de pós-graduação em Comunicação, na região sul do Brasil. Esses trabalhos são desconstruídos, atentando-se, sobretudo, para os aportes metodológicos de cada um deles.

Gosto, especialmente, das críticas feitas 1) à ideia do método como prescrição metodológica e 2) aos discursos metodológicos como “receita de bolo” ou “auto-ajuda”. Crítica justa ocorre também quanto 3) à excessiva formalização dos processos metodológicos e 4) à instrumentalização dos métodos. De fato, são algumas das principais dificuldades a serem expostas e vencidas, nesse nível – no nível dos métodos –, na cultura de pesquisa na qual vivemos.

Vejo que o sentido da expressão “pesquisa metodológica” varia: às vezes, referindo ela própria a um método; às vezes, sendo um tipo ideal de pesquisa, capaz de mobilizar diversos métodos, para dar conta das técnicas e dos métodos colocados em uso, mais frequentemente, numa dada área (no caso, a área da Comunicação). Tive a impressão de haver uma distinção entre “processualidade metodológica” e “pesquisa metodológica”. Isso se deve, talvez, a essa variação semântica que supus estar atravessando o texto.

A análise me pareceu ter ótimo fôlego interpretativo. Transcorre num nível de muita estabilidade e segurança teóricas. Há momentos de efetiva discussão epistêmica, principalmente na primeira metade do artigo. Essa oscilação entre dado quantitativo e qualitativo, no trabalho analítico, é muito bem aproveitada.

Posso reconhecer, além de tudo, um certo cacoete de leitura: as pesquisas estariam sendo lidas como uma rede de anúncios e enunciados, buscando-se detectar a coerência entre os elementos expostos no texto. Como se as análises feitas se dessem a meio caminho entre uma análise de conteúdo e uma análise da coerência argumentativa-expositiva, voltada mais à superfície do texto, ao discurso da tese/dissertação, e menos atenta ao mundo dos procedimentos, das aproximações concretas com os objetos de cada investigação particular.

Não acho, por exemplo, que um “problema” de pesquisa seja “localizável” ou que possamos nos tranquilizar quanto à sua presença por termos lhe encontrado, mais ou menos formalizado, com clareza, num trecho ou noutro, que a ele possa ter sido reservado. Talvez exista um espaço *entre* a “fragilidade na formulação” e a “fragilidade no desenvolvimento da investigação”. Não me parece que se possa tomar uma coisa pela outra. Já me ocorreu de ter me deparado com teses ou dissertações que trabalhavam muito mais, no plano metodológico, do que anunciavam, no plano do discurso sobre o método. Como se o próprio autor não enxergasse a qualidade do investimento metodológico que havia feito. Como se o equívoco fosse o de não ter conseguido expressar, detalhar ou tirar o devido proveito, num discurso de problematização analítica, daquilo que fez, de fato, *dentro* do processo investigativo.

Entra em campo, nesse tópico, uma dimensão intersubjetiva ou co-participativa da produção do conhecimento, que é o que aflora numa banca, numa reunião de grupo

de pesquisa ou numa sessão de orientação. Isso não se perde numa análise de ênfase discursiva?

E há outro comentário análogo. Uma discussão conceitual, bem sabemos, não se esclarece pela ocorrência de uma palavra. Chama atenção a população de 500 conceitos encontrados no *corpus* de pesquisas examinadas. E esse número – relativo à pulverização de nossos referenciais teóricos, tal como se documenta – se dá porque foi estipulado por uma limitação técnica – o limite permitido pelo *software* Voyant Tools, com o qual as autoras trabalham.

Por fim, dois temas que me intrigam: a intencionalidade e a metodologia como um “todo estruturado”. Nas leituras que venho fazendo de (e sobre) Paul K. Feyerabend são duas assertivas muito questionáveis. A descoberta científica – ele irá dizer – depende muito do “vale tudo”, da pluralidade de perspectivas (que podem ser até antagônicas), da ação local e da vivência positiva do erro. O melhor pesquisador, nesse contexto, seria aquele que melhor aprende a ver a surpresa irrompendo para além do método – para além, inclusive, de sua intenção e de sua expectativa conscientes.

LGBTQI+ NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

Por fim, no artigo de Francisco Rafael Jerônimo – “LGBTQI+ nos estudos brasileiros da Comunicação e do Jornalismo: um mapeamento das produções acerca do tema” –, outros pontos podem ser destacados. O primeiro deles diz respeito à relação entre esses campos: da Comunicação e do Jornalismo. Espanta um pouco que estejam apartados, como campos autônomos, justapostos. Noutro momento, o que nos faz duplicar o espanto, aparece numa relação de subordinação ou de inclusão do segundo pelo primeiro. Mais adiante, quando mergulhamos no mapa, de modo efetivo, esses campos se encontram completamente dissipados: surgem subcampos diversos – publicidade, cinema, redes sociais, etc – com pontuações sempre dignas de nota, em cada um deles. Talvez seja um assunto para ser melhor pensado na continuidade da investigação.

Outro ponto diz respeito à discussão terminológica, que é feita em termos meio históricos, meio jornalísticos, e que toma boa parte do início do artigo. Acho isso importante, mas é importante também que, a partir daí, a discussão possa ir se

constituindo *enquanto* discussão teórica, incorporando autores e ganhando densidade. Isso é feito sobretudo quando se apropria de Judith Butler e dá, a partir dela, as primeiras pinceladas conceituais. Esse tom precisa ser buscado e mantido.

Há uma questão de fundo que é a da determinação de uma emergência epistêmica por uma emergência social. Há uma discussão importante aqui sobre a relação entre sociedade e universidade, entre pesquisa e política. Quando é que uma pauta, desde o momento em que passa a pulsar na sociedade, se impõe dentro do espaço epistêmico? Por exemplo: não me espanta que esse tema tenha se tornado exponencial, tenha crescido tanto nos últimos dez anos. O número trazido é o revelador: 38 estudos até 2012; mais 84, de 2012 até 2018 – ou seja: em seis anos se produziu mais do que o dobro do que se produziu nos dezesseis anos anteriores. É ótimo dispôr desse dado. Mas tentaria pensar articulações mais complexas entre as pautas sociais e as pautas epistemológicas. Há questões de mercado (*pink money*, como é dito), questões de mercado editorial, de visibilidade midiática, de interinfluência (submissão, suscetibilidade) em relação aos grandes centros irradiadores dos debates culturais e comportamentais no mundo inteiro, de agendas cruzadas – do jornalismo, dos formadores de opinião e da universidade.

Não é mais interessante – fiquei me perguntando – buscar os autores do que os temas? Não pode ser rentável ver as trajetórias de certos nomes – seja Judith Butler, Jack Halberstam ou Paul Beatriz Preciado, por um lado, que são hoje figuras muito visíveis, de muito impacto no campo, seja Michel Foucault ou Roland Barthes, que estão aí há mais de quatro décadas e que são revitalizados num contexto de novas emergências temáticas?

Há uma tipologia de busca – dotada de um sentido metodológico, talvez – que resta um tanto quanto solta dentro do texto. Parece não ter se consolidado, exatamente, seja na função que ocupa (ou ocupará) na investigação, seja quanto à sua própria organização ou seu desenho internos: “representação LGBTQI+”, “diversidade sexual”, “homossexualidade”, “ação midiática LGBTQI+”. São operadores temáticos, de finalidade classificatória? Ou servem como “instrutores” de um primeiro movimento analítico? Também são tópicos a serem revistos e ajustados.

Tendo uma constatação bastante consistente sobre a “*queerização*” dos estudos de Comunicação no Brasil – percebendo, portanto, um contrafluxo, uma instância de relativização da estimativa de Salgado, Mattos e Oliveira (2020), de que o pensamento comunicacional brasileiro seria preponderantemente masculino – não seria o caso de rastrear como foi se dando esse espriamento teórico, desde que época, através de que autores, quais livros, quais PPGs, em que subáreas ou subcampos temáticos? Seria isso válido e viável? Esse flanco ganha relevância se lembrarmos que Donna Haraway – no livro citado alguns parágrafos acima – pretende tornar “*queer* a confiança elaboradamente construída e defendida deste homem cívico e racional”, sobre o qual ela fala, “tendo em vista possibilitar a aparição de um novo tipo de *testemunho modesto*, a se debruçar sobre os fatos do mundo da tecnociência – um tipo mais corpóreo, modulado e óticamente mais denso, embora menos elegante” (HARAWAY, 1997, p. 14). Para nossa área, seria um desafio e tanto.

A proposta de Francisco R. Jerônimo (2020), enfim, faz reconhecimentos importantes e se mostra comprometida, atenta às novas feições que o campo, paulatinamente, vai ganhando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto aqui formado – o elenco de quatro textos que pudemos então examinar – é de uma riqueza ímpar¹³. São muito férteis as reverberações que vemos entre um e outro, os modos como se complementam, os distintos recortes e vãos que fazem sobre uma disciplina tão acidentada, tão difícil de ser vista e compreendida globalmente. Ao empreenderem exercícios cartográficos aparentemente similares e reiterativos, o que se revela é uma complexidade nuançada. Em benefício dessa complexidade está o fato de que os textos resultam ainda melhores na soma que perfazem do que isoladamente, caso a caso. Nesse sentido, não há “excesso de metalinguagem”. Há pesquisas de forte vocação reflexiva – isso, sim –, cujos limites são preenchidos por outras (e sucessivas) metapesquisas (às quais se associam, as quais subentendem). O que se obtém é uma cadeia de complexificação e autocorreção. Esse

¹³ Recomendo vivamente que o leitor possa ir aos textos aqui comentados, fazendo sua própria leitura e cotejando-a com as percepções que tive.

“rebatimento” (de um mapa nos outros, de todos em todos), sem dúvida, é virtuoso e deve ser incentivado.

O terreno, sendo assim, se deixa entrever melhor no intervalo entre um retrato e outro, na alternância entre uma lista e outra, na conjunção ou no acoplamento que podemos obter (ou achar) entre eles. Afinal, como diz Liliana Vargas-Monroy, não há *ponto zero de observação* (VARGAS-MONROY, 2010). Tampouco a paisagem e os agentes que nela se perdem se encontram fixos, imobilizados. Tais cartografias – para concluir – conversam e se ajudam. E isso – num mundo veloz, onde quase tudo parece não fazer mais sentido – não é pouco. Em realidade, é fundamental.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BUCH, Alfonso. Reseña de *El Leviathan y La Bomba de Vacío. Hobbes, Boyle y la vida experimental*, de Steven Shapin y Simon Schaffer. **Redes**, vol. 12, núm. 23, marzo, Universidad Nacional de Quilmes Buenos Aires, Argentina, 2006, pp. 200-204.

ECO, Umberto. **A Vertigem das Listas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan©_Meets_OncoMouse™**. Feminism and technoscience. New York: Routledge, 1997.

JERÔNIMO, Francisco Rafael. LGBTQI+ nos estudos brasileiros da Comunicação e do Jornalismo. Um mapeamento das produções acerca do tema. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 01 a 10 de dezembro de 2020. Salvador: Intercom, 2020.

KITTLER, Friedrich. **Discourse Networks 1800/1900**. Stanford – CA: Stanford University Press, 1990.

MARTINO, Luis Mauro Sá. A materialidade dos usos da teoria: esboço de uma cartografia das revistas científicas de Comunicação. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 01 a 10 de dezembro de 2020. Salvador: Intercom, 2020.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, v. 1, p. 175-194.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. **Comunicação & Inovação** (OnLine), Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul (SP), São Caetano do Sul / SP, v. 19, p. 34-48, 2018.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; AGUIAR, Lisiane Machado. Pluralidades metodológicas: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual. **Comunicación**, v. 1, p. 1262-1275, 2012.

SALGADO, Tiago; MATTOS, Maria Ângela; OLIVEIRA, Marina. O pensamento comunicacional na Intercom: anais do GP Teorias da Comunicação de 2018 e 2019. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 01 a 10 de dezembro de 2020. Salvador: Intercom, 2020.

SILVEIRA, Fabrício. **Mecanosfera / Monoambiente**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

SHAPIN, Steven; SCHAFFER, Simon. **Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle, and the experimental life – including a translation of Thomas Hobbes, *Dialogus physicus de natura aeris* by Simon Schaffer**. Princeton: Princeton University Press, 1985.

TELLES, Márcio. Kittler na Universidade: a “expulsão do humano das Humanidades”. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 01 a 10 de dezembro de 2020. Salvador: Intercom, 2020.

VARGAS-MONROY, Liliana. De testigos modestos y puntos cero de observación: las incômodas intersecciones entre la ciencia y la colonialidad. **Tabula Rasa**, Bogotá / Colombia, no.12: 73-94, enero-junio 2010, pp. 73-94.

WOTTRICH, Laura; MAZER, Dulce; MONTEIRO, Maria Clara; CRAVEIRO, Pamela; VIEGAS, Paula. A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região sul. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 01 a 10 de dezembro de 2020. Salvador: Intercom, 2020.

Recebido em 04 de abril de 2021.

Aprovado em 24 de maio de 2021.